

LIVROS

TORNE-SE PERITO

Prémio Camões atribuído ao teórico da literatura e camonista Vítor Aguiar e Silva

Na sua 32.^a edição, o mais importante prémio literário de língua portuguesa consagrou o autor de *Teoria da Literatura* (1967) e uma das mais prestigiadas figuras dos estudos literários portugueses. É o terceiro ensaísta distinguido, depois de Eduardo Lourenço e Antonio Candido. O prémio tem o valor de cem mil euros.



Luís Miguel Queirós · 27 de Outubro de 2020, 18:42

CONTEÚDO EXCLUSIVO

Vítor Manuel Aguiar e Silva, autor de uma *Teoria de Literatura* (1967) estudada por sucessivas gerações de universitários e de um conjunto de decisivos ensaios camonianos, recebeu esta terça-feira o Prémio Camões de 2020. “Acabei de saber há meia hora por um telefonema da ministra da Cultura e estou tão comovido que não consigo alinhar duas palavras”, disse Aguiar e Silva ao PÚBLICO.

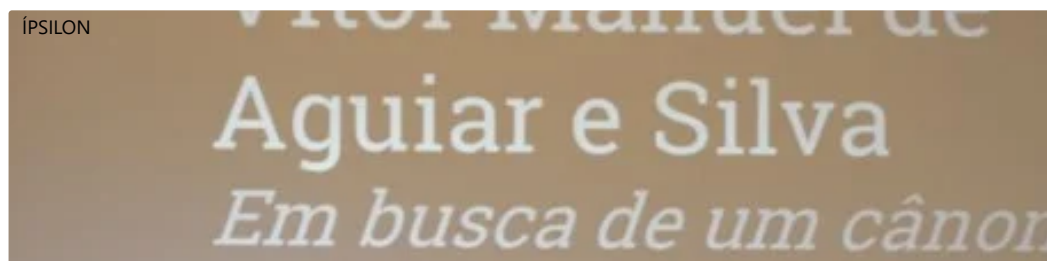
O professor reformado da Universidade do Minho — completou 81 anos em Setembro — é uma figura internacionalmente reconhecida no campo da Teoria da Literatura e tem-se dedicado ainda à investigação da literatura portuguesa dos períodos maneirista, barroco e modernista.

Como camonista publicou, entre outros livros, *Notas sobre o Cânone da Lírica Camoniana* (1968), *O Significado do Episódio da Ilha dos Amores na Estrutura de Os Lusíadas* (1972), *Camões: Labirintos e Fascínios* (1994), que lhe valeu o Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Críticos Literários e o da Associação Portuguesa de Escritores, *A Lira Dourada e a Tuba Canora* (2008) e *Jorge de Sena e Camões. Trinta Anos de Amor e Melancolia* (2009), tendo ainda coordenado o *Dicionário de Luís de Camões* que a Caminho lançou em 2011. A sua obra mais recente, *Colheita de Inverno*, publicada já este ano pela Almedina, é uma tão extensa quanto fascinante recolha de ensaios camonianos e de teoria literária, com mais de quinhentas páginas.

Aguiar e Silva foi escolhido por maioria por um júri constituído pelos ensaístas portugueses Carlos Mendes de Sousa, da Universidade do Minho, e Clara Rowland, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pelo ensaísta e poeta brasileiro Antonio Cicero, pelo professor Antonio Hohlfeldt, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo moçambicano Nataniel Ngomane, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da

Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, e ainda pelo escritor e jornalista guineense Tony Tcheka.

“A atribuição do Prémio Camões a Vítor Aguiar e Silva reconhece a importância transversal da sua obra ensaística, e o seu papel activo relativamente às questões da política da língua portuguesa e ao cânone das literaturas de língua portuguesa”, diz a nota do júri, que sublinha ainda que, “no âmbito da teoria literária, a sua obra reconfigurou a fisionomia dos estudos literários em todos os países de língua portuguesa” e que a sua *Teoria da Literatura*, “objecto de sucessivas reformulações” se constitui como “exemplo emblemático de um pensamento sistematizador que continuamente se revisita”. A justificação dos jurados salienta também o “importante contributo dos seus estudos sobre Camões.”



Perfil humanista

Num vídeo enviado à comunicação social, a ministra da Cultura considera que Vítor Aguiar e Silva se “destaca pelas suas qualidades intelectuais e académicas, bem como pelo seu perfil humanista, com que marcou gerações de alunos de leitores” e acrescenta que “a sua obra revela o seu apurado sentido crítico e um sempre renovado olhar de leitor”. Graça Fonseca termina dando-lhe os parabéns por este “mais do que merecido Prémio Camões”.

A par da sua obra ensaística, a sua docência deixou uma marca profunda em diversas gerações de estudantes. E Aguiar e Silva tem sido ainda frequentemente chamado a desempenhar funções no âmbito das políticas para a promoção da língua e cultura portuguesa. Além de ter estado na génese do Instituto Camões, coordenou a Comissão Nacional de Língua Portuguesa (CNALP), tendo sido ainda membro do Conselho Nacional de Cultura. E foi um dos signatários da petição *Em Defesa da Língua Portuguesa contra o Novo Acordo Ortográfico, ao lado de Vasco Graça Moura (1942-2014)*.

Natural da freguesia de Real, no concelho de Penalva do Castelo, distrito de Viseu, recebeu várias distinções, entre as quais o Prémio Vergílio Ferreira, atribuído em 2002 pela Universidade de Évora, o Prémio Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores (APE), em 2007, e o Prémio Ensaio Eduardo Prado Coelho, também atribuído pela APE, em 2010. A obra *A Lira Dourada e a Tuba Canora: Novos Ensaios Camonianos* valeu-lhe, em 2009, o Prémio D. Diniz da Casa de Mateus. E em 2018 recebeu o Prémio Vasco Graça Moura de Cidadania Cultural.

Vítor Manuel Aguiar e Silva licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Literatura Portuguesa e foi professor catedrático. Transferiu-se, em 1989, para a Universidade do Minho, onde foi catedrático do Instituto de Letras e Ciências Humanas, fundou e dirigiu o Centro de Estudos Humanísticos e a revista *Diacrítica* e desempenhou as funções de vice-reitor de Junho de 1990 a Julho de 2002, quando se aposentou.

Um teórico precoce

Aguiar e Silva estreia-se como teórico e investigador da literatura com o livro *Para uma interpretação do classicismo*, publicado em 1962, quando tinha apenas 23 anos, livro que Carlos Mendes de Sousa não hesita em considerar “um marco importante, que determina um caminho que o autor vai depois desenvolver na sua tese de doutoramento”, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* (1971). Esta última, acrescenta o ensaísta e jurado do Prémio Camões, é “um trabalho de referência fundamental, numa época em que na periodologia literária ainda não se fala muito do maneirismo, e que vai abrir caminho a um novo filão de estudos camonianos”. Mendes de Sousa não tem dúvidas, de resto, que Aguiar e Silva “é o melhor camonista que temos, aliando o rigor e a erudição a uma extraordinária finura hermenêutica”.

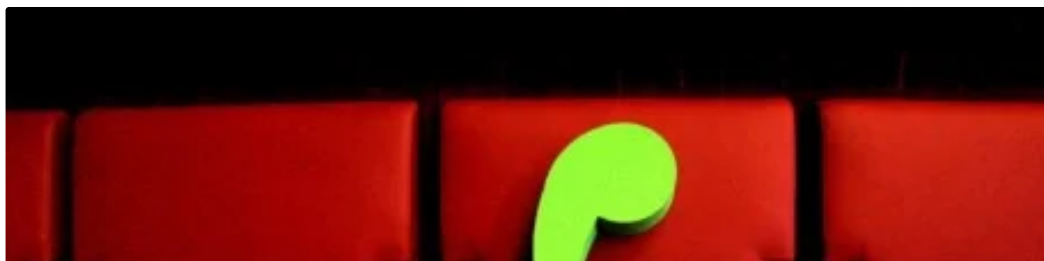
Embora se trate de uma obra colectiva, em cuja lombada figura como coordenador, o milhar de páginas do *Dicionário de Luís de Camões* deve também ser contabilizado entre a suas façanhas de grande mérito, quer pela quantidade e qualidade dos verbetes e dos colaboradores que conseguiu reunir, quer pelo simples facto de ter conseguido levar o seu projecto a bom porto, oferecendo aos camonistas e a todos os leitores interessados um instrumento cuja falta começava a tornar-se gritante.

Se a sucessão de livros de estudos camonianos que publicou nas últimas décadas o consagraram definitivamente nesse domínio, talvez seja ainda mais reconhecido, sobretudo fora de Portugal,

como teórico da literatura. A própria disciplina de Teoria da Literatura era ainda relativamente recente no ensino universitário português quando Aguiar e Silva publica, em 1967, a sua monumental *Teoria da Literatura*, que, lembra Carlos Mendes de Sousa, “foi adoptada em todo o Brasil, onde chamavam ao livro “o Vítor Manuel”. E teve uma tradução espanhola numa prestigiada colecção dirigida pelo poeta e filólogo Dámaso Alonso. E outra muito influente obra sua – *Competência Linguística e Competência Literária: sobre a Possibilidade de Uma Poética Gerativa*, de 1977 –, não só foi igualmente traduzida em Espanha como teve mesmo uma improvável edição japonesa.

Cânone literário

Um problema que o vem interessando nos últimos anos é a construção, para efeitos escolares, de um cânone literário da língua portuguesa, com autores de Portugal, do Brasil e dos países africanos de expressão portuguesa. Uma ideia que levou em 2015 ao congresso internacional Língua Portuguesa: Uma Língua de Futuro, onde propôs um cânone que não obedea “a uma norma exclusiva e excludente”, mas que mostre como “os grandes escritores dos diferentes países de língua portuguesa trabalharam, afeiçoaram e reinventaram” o português. Um instrumento que, argumentou então, permitiria que em cada sistema de ensino nacional a literatura do próprio país tivesse uma presença naturalmente maioritária, mas que fosse também assegurada uma representação dos autores de cada um dos outros países de língua portuguesa.



O vencedor do Prémio Camões em 2019 tinha sido Chico Buarque, uma escolha que irritou o Presidente brasileiro Jair Bolsonaro a ponto de este afirmar que não assinaria o diploma de atribuição, o que levou o músico e escritor a assegurar que encarava a ausência da assinatura do chefe de Estado como “um segundo Prémio Camões”.

Chegou a estar previsto que Chico Buarque viesse a Portugal receber o prémio na simbólica data de 25 de Abril, mas o surgimento da pandemia de covid-19 obrigou ao cancelamento da sua viagem. Segundo o Ministério da Cultura, o músico, romancista e dramaturgo brasileiro mantém a intenção de vir receber presencialmente o prémio a Portugal, mas só deverá ser marcada uma nova data quando a pandemia acalmar. Tratar-se-á, de resto, de uma entrega apenas formal, uma vez que o Governo português já fez chegar a Chico Buarque os vários elementos do prémio, incluindo a sua componente pecuniária.

Empate Portugal-Brasil

Criado por Portugal e pelo Brasil em 1988 e atribuído pela primeira vez no ano seguinte, o Prémio Camões tem hoje um valor de cem mil euros e é o mais importante prémio literário no universo da língua portuguesa.

Com a atribuição do prémio a Manuel Alegre, em 2017, Portugal tinha igualado o Brasil com doze escritores galardoados. Chico Buarque voltou a desempatar a favor do Brasil em 2019 e Aguiar e Silva repôs agora a igualdade.

Depois de ter inaugurado a contagem com Miguel Torga (1989), o país viu serem contemplados Vergílio Ferreira (1992), José Saramago (1995), Eduardo Lourenço (1996), Sophia de Mello Breyner Andresen (1999), Eugénio de Andrade (2001), Maria Velho da Costa (2002), Agustina Bessa-Luís (2004), António Lobo Antunes (2007), Manuel António Pina (2011), Hélia Correia (2015), Manuel Alegre (2017) e agora Vítor Aguiar e Silva.

Pelo Brasil, receberam já o Camões João Cabral de Melo Neto, em 1990, Rachel de Queiroz (1993), Jorge Amado (1994), Antonio Candido (1998), Autran Dourado (2000), Rubem Fonseca (2003), Lygia Fagundes Telles (2005), João Ubaldo Ribeiro (2008), Ferreira Gullar (2010), Dalton Trevisan (2012), Alberto da Costa e Silva (2014), Raduan Nassar (2016) e Chico Buarque.

O Prémio Camões foi pela primeira vez atribuído a um escritor africano quando, em 1991, a escolha do júri recaiu sobre o poeta moçambicano José Craveirinha. Seis anos mais tarde foi a vez de Pepetela assinar a estreia de Angola, país que voltaria a ter a sua literatura reconhecida em 2006 com a obra de Luandino Vieira, que recusou o prémio. Em 2009, venceu o poeta cabo-verdiano Arménio Vieira, em 2013 o romancista

moçambicano Mia Couto e em 2018 o romancista e contista cabo-verdiano Germano Almeida.

lmqueiros@publico.pt

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER CARTAS AO DIRECTOR


TODOS OS DIAS

As mensagens enviadas pelos leitores ao director do PÚBLICO.

Subscrever

- Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO

O QUE PRECISA DE SABER
COR NAVÍRUS

 **Receba as nossas notificações** e seja o primeiro a saber.

Descarregue
a nossa app

TÓPICOS

LIVROS | CULTURA-ÍPSILON | LITERATURA |

LÍNGUA PORTUGUESA | PRÉMIO CAMÕES | BRASIL |

PRÉMIO

 TORNE-SE PERITO